

Cantar com todos é possível?: processos de inclusão e acesso ao Canto Coral para pessoas com Deficiência

GTE 02 - Canto Coral: práticas, pesquisas e processos de ensino-aprendizagem em diferentes perspectivas

Mariana Ferraz Simões Hammerer
Universidade de São Paulo
marianahammerer@gmail.com

Marco Antonio da Silva Ramos
Universidade de São Paulo
masilvaramos@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta pesquisa em andamento de doutorado na Universidade de São Paulo, intitulada “Cantar com todos: processos de inclusão e acesso ao Canto para pessoas com Deficiência Intelectual”. Ele tem como objetivo geral estudar modos de incentivar a socialização para quaisquer seres humanos, com ou sem deficiência intelectual (DI). Os objetivos específicos são: fazer do grupo coral um ambiente de socialização e realização pessoal para pessoas com DI; criar ferramentas de acesso para pessoas com deficiência intelectual (DI); provocar a integração das pessoas com DI na performance do canto coral. Trabalhamos com metodologia mista, abordando o levantamento bibliográfico sobre o tema, a análise interpretativa de obras e arranjos inclusivos e a avaliação dos resultados já obtidos, apoiados em: Vigotski, estudioso das deficiências primária, secundária e do desenvolvimento humano; Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), da American Psychiatric Association, 5ª edição, 2023, Texto Revisado (DMS-5-TR), para o estudo das características dos coralistas; artigos de Periódicos e Anais de eventos científicos na área da música. Na estruturação dos procedimentos musicais utilizamos o Referencial Silva Ramos para análise de obras corais (Ramos, 2003) e a dissertação de Paulo Rubens M. Costa, *Diagnose em Canto Coral* (Costa, 2005). Resultados: a) estudos de publicações relativas ao tema; b) relatos dos processos de criação de ferramentas musicais úteis aos processos de inclusão coral do DI; c) o papel do Coral Vozes da Inclusão quanto ao objetivo de criar um ambiente de socialização e integração das pessoas com DI na performance do canto coral.

Palavras-chave: Canto Coral e Inclusão; Repertório Coral e Inclusão de DI - Deficientes Intelectuais; Diagnose vocal para Educação Musical Inclusiva.

Introdução

Este artigo procura apresentar trabalho de doutorado em andamento, que está sendo desenvolvido na Universidade de São Paulo – USP, por uma educadora musical, regente e fonoaudióloga. Ele tem como objetivo geral estudar modos de incentivar a socialização para todos e todas os seres humanos com ou sem deficiência intelectual (DI). Como objetivos específicos estão: fazer do grupo coral um ambiente de socialização e realização pessoal para pessoas com DI, criar ferramentas de acesso para pessoas com deficiência intelectual (DI) e provocar a integração das pessoas com DI na performance do canto coral.

A metodologia empregada é mista, buscando apresentar o levantamento bibliográfico de trabalhos sobre o tema Canto Coral e pessoas com deficiência, além de elencar trabalhos realizados no panorama atual no Brasil.

Como referencial teórico de forma ampla temos Lev Vygotsky, que distingue dois tipos de deficiências - primária e secundária. A forma como o autor apresenta possibilidades de desenvolvimento humano conduz nosso pensamento de oposição ao pensamento capacitista, acreditando e buscando desenvolver qualquer pessoa para cantar.

Para as questões que envolvem o trabalho sobre a pessoa com deficiência teremos como principais referências O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), da American Psychiatric Association, 5ª edição, Texto Revisado (DMS-5-TR), de 2023, que apresenta uma atualização das terminologias usadas nos laudos médicos e suas principais características.

Para a estruturação dos procedimentos e métodos relativos às questões musicais, estamos usando o trabalho de Paulo Rubens Moraes Costa, “Diagnose em Canto Coral: parâmetros de análise e ferramentas para a avaliação” (Costa, 2005), que busca identificar a capacidade técnica e interpretativa de um coro e para a análise de obras e arranjos, o Referencial de Análise de Obras Corais, presente na Tese de livre-docência de Marco Antonio da Silva Ramos, “O ensino da regência coral” (Ramos, 2003). Note-se que os aspectos técnicos serão centrais nas análises, pois proporcionarão verificar se a obra ou arranjo é suficientemente realizável pelo grupo e se pode trazer dificuldade, desafio ou prazer

observando as obras a partir dos parâmetros do som, relação texto-música e do uso musical do silêncio.

Em minha trajetória enquanto docente, sempre tive contato com a diversidade de pessoas, e sempre busquei trabalhar dentro de uma perspectiva inclusiva, seja nas aulas de música em escolas regulares, seja em grupos corais, considerando e respeitando as especificidades de classes sociais, gêneros, raças, etnias, e pessoas com deficiências neuromotoras e/ou intelectuais. Dentro dessa diversidade, o foco dessa pesquisa diz respeito às pessoas público-alvo da Educação Especial (PAEE), em minha prática de trabalho com o Coral Vozes da Inclusão, composto por pessoas com deficiência intelectual, por múltiplas e por pessoas sem deficiência.

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação inclusiva (2008), o público-alvo da educação especial são: pessoas com deficiências, Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD2) e altas habilidades e superdotação. As deficiências são: intelectual, neuromotora, deficiência visual, deficiência auditiva, surdo-cegueira, deficiências múltiplas. A esse respeito, Rosalba Maria C. Garcia, estudiosa da obra de Vigotski, frisa que:

O fenômeno da deficiência localiza-se nas interações sociais, no modo da sociedade relacionar-se. Costuma-se dizer que aquele sujeito que apresenta dificuldades ou limitações em relação ao padrão considerado normal, tem dificuldades e limitações, de um ponto de vista individual. É preciso esclarecer que as dificuldades e limitações são atribuídas socialmente a um indivíduo. O que não significa negar as características físicas relacionadas socialmente como deficiências, mas sim afirmar que o que caracteriza a deficiência, não são as questões físicas, mas sim o tipo de interações que envolvem um sujeito que apresenta tais características. Assim, é possível pensar que este sujeito pode relacionar-se e constituir-se de outras formas, a partir de outras relações (Garcia, 1995, p 32).

No que diz respeito ao TGD, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) este passou a ser definido como Transtorno do Espectro Autista e está classificado como um dos Transtornos do Neurodesenvolvimento. A deficiência intelectual, foco de nosso interesse para este projeto, passou a ser classificada como

Transtorno de desenvolvimento incluindo déficits de funcionamento tanto intelectuais quanto adaptativos em domínios conceituais, sociais e práticos.

A partir desses pressupostos, acreditamos que se torna emergencial trabalhar numa perspectiva inclusiva, atendendo a todos e todas como preconizado na Constituição Federal e reafirmado na declaração de Salamanca¹, documento que subsidiou a elaboração e implementação de políticas públicas, enfatizando o direito de todos e todas à educação, lazer, arte e cultura com qualidade e numa perspectiva inclusiva sem desconsiderar ninguém.

A inclusão, de acordo com a declaração de Salamanca, orienta que os estados assegurem, às pessoas com deficiência, educação de forma integrada ao sistema educacional, uma vez que estas sempre estiveram à margem da sociedade.

No livro "Da exclusão ao paradigma da inclusão: percurso histórico da educação especial e inclusiva", Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar e Elizangela Gehrke Silva (2023) tais pessoas tiveram suas vidas literalmente ceifadas no período da antiguidade. Nos períodos subsequentes passaram por segregação total, segregação parcial e integração; e apenas mais recentemente, no final do século XX, chegaram a ser consideradas dentro de um conceito de inclusão. (Alencar; Silva, 2023).

Ainda hoje se observa que posturas excludentes se dão em todas as instâncias: sociais, educacionais, culturais, profissionais, afetivas, familiares, entre possíveis outras. Quando pensamos em acesso aos bens culturais produzidos pelo homem, além dos conhecimentos científicos referentes à aquisição do sistema de escrita e demais saberes escolares e científicos, não podemos negligenciar os conhecimentos resultantes de acesso à cultura, dentre eles, a área musical. Atualmente é possível evidenciar um maior acesso à arte e à cultura devido ao campo dos direitos políticos, sociais, culturais e humanos, abrindo espaço igualmente para pessoas com DI.

O campo das artes e da cultura é muito amplo, e para este projeto interessa-nos especificamente a figura do regente educador e seus coralistas. Comumente os corais amadores comportam grupo de pessoas diversas, não exigindo testes vocais ou qualquer conhecimento musical prévio – por exemplo, leitura musical - já que o trabalho realizado com musicalização na Educação Básica ainda é bastante insuficiente.

¹ <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>

Ao longo das últimas 3 décadas, tem-se trabalhado com a proposta do Regente Educador e/ou do Educador Coral, na qual o olhar para o coralista e para o trabalho coral, de forma geral, passa a ser pensado em muitos lugares do mundo como um processo educativo. A pessoa pode chegar ao coro sem afinação, mas é o trabalho de desenvolvimento do indivíduo, a escuta do coletivo, a vivência e a prática coral que propiciam condições de consciência corporal e iniciação às questões musicais que farão com que ele se desenvolva.

A atividade coral, seja ela com crianças, adultos ou idosos, busca oportunizar essa prática educacional coletiva, por meio da perspectiva de um regente educador. Contudo, não temos conhecimento de nenhum trabalho de regência coral com a participação de coralistas com DI. A esse respeito, Garcia (1999, p. 44) diz que, numa perspectiva de inclusão é necessário que o Educador compreenda “[...] como cada sujeito que apresenta um diagnóstico relacionado à deficiência se desenvolve”. Como consequência, podemos dizer que o regente educador ou o educador coral deve estar atento a esses mesmos princípios.

O trabalho de Educação Vocal com Coral Vozes da Inclusão

Os coralistas com Deficiência Intelectual do Coral Vozes da Inclusão, estão todos descritos nos respectivos laudos de Deficiência Intelectual (leve ou moderado), Deficiência Intelectual e/ou múltiplas². Temos coralistas que apresentam Deficiência Intelectual (DI) e Síndrome de Down, outros apresentam DI e Transtorno do Espectro Austista (TEA). Há ainda, coralistas que não apresentam deficiências e que integram o grupo auxiliando com suas vozes para que, de fato, haja a inclusão como característica central deste grupo: coralistas com deficiências trabalhando integradamente com coralistas sem deficiências.

São 39 coralistas do Programa Eu Coopero com a Inclusão (participantes do Programa com DI) e mais 10 coralistas da Sede e Agências (trabalhadores da Sicredi Dexis).

Atuando na regência e preparação vocal do grupo, não localizei até o momento qualquer literatura específica em relação ao trabalho de canto coral para pessoas com deficiências, por isso o trabalho foi estruturado de forma empírica, testando questões de

² Uma pessoa com deficiência intelectual também pode ter deficiência visual ou auditiva, ou síndrome de down, sendo assim a deficiência múltipla, apresentando-se mais de uma característica.

técnica vocal, gestual de regência, necessidades para a performance e escolha de repertórios variados, que incluem obras originais e arranjos adequados e possíveis. Consequentemente, trabalhando de acordo com a proposta do coral, foram selecionadas possibilidades repertoriais que trouxessem diferentes tipos de escrita coral (texturas polifônicas, homofônicas, solos de naipe, etc).

Adaptações para a performance junto com coralistas com DI foram pensadas de forma que, mantendo o texto da música no naipe de vozes masculinas ou vozes femininas (quando se trata da melodia principal), os coralistas que não apresentam deficiências ora cantam as melodias principais com os coralistas com deficiência, ora cantam outros textos, a depender da escrita coral proposta na obra ou arranjo.

No capítulo “Práticas pedagógicas iniciais em Educação Musical junto a adultos com deficiência intelectual”³, autoria de Gisele Alencar, Mariana Hammerer e Isabel Oliveira Lima, as autoras trazem uma reflexão sobre as músicas cantadas:

[...] apresentam em seus textos muitas possibilidades de desenvolvimento⁴, tanto para pessoas sem deficiências como para as que as possuem. Além do trabalho musical, na busca de cantar com ritmo e afinação, elencamos também o trabalho com a memória, vocabulário, pronúncia e sons das palavras, que contribuem significativamente no desenvolvimento do ser humano (Alencar; Hammerer; Lima, 2021, p. 44).

No decorrer da prática, despertou-nos a curiosidade para verificar os desafios interpretativos de repertórios para a performance do regente coral com coralistas nessa proposta inclusiva, bem como a contribuição que a execução e investigação dessa produção oferece ao intérprete atual e ao cenário da pesquisa em música no Brasil.

Partimos do pressuposto que a condição biológica, conforme preconizado por Vigotski (1997) não deve ser limitante e não deve definir o indivíduo, uma vez que também somos seres humanos que nos constituímos socialmente e assim o olhar do outro sobre a pessoa com deficiência é de suma importância, pois tanto pode limitar o processo de desenvolvimento quanto potencializá-lo. Afirmo ainda que o indivíduo pode nascer com uma

³ Capítulo do livro “Educação Inclusiva, Processos formativos e cidadania”, de Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar; Carla Figueira de Souza; Aparecida Meire Calegari-Falco. (Org.).

⁴ As autoras referem-se ao desenvolvimento integral do ser humano.

deficiência, a biológica (primária), mas durante a trajetória de sua vida pode adquirir uma segunda deficiência, a social (secundária).

A deficiência primária é compreendida como biológica e a secundária como social. Nestes termos, a deficiência primária compreende as lesões orgânicas, lesões cerebrais, malformações orgânicas, alterações cromossômicas, ou seja, as características físicas apresentadas pelo sujeito considerado portador de deficiência. A deficiência secundária, por sua vez, compreende o desenvolvimento do sujeito que apresenta estas características, com base nas interações sociais. Uma vez que o autor defende uma concepção de desenvolvimento que se orienta do plano social para o individual, a forma como o sujeito que apresenta uma lesão orgânica ou alteração cromossômica desenvolve-se está intimamente relacionada ao modo como vive, às interações sociais com as quais está envolvido”. (Garcia, 1999, p. 43).

Acreditamos, assim, que prováveis dificuldades podem ser previstas durante atividades de canto coral, mas não devem ser determinantes. O Coral Vozes da Inclusão é uma forma de mostrar socialmente “a possibilidade de desenvolvimento humano por meio da música e proporcionar a inclusão de pessoas com DI. As vivências com o Coral possibilitam pleno desenvolvimento de Educação Musical e Canto Coral”. (Hammerer; Costa, 2024, p. 249).

O Coral Vozes da Inclusão realiza ensaios semanais em formato de ensaios de naípe, pois participam coralistas das cidades de Maringá, Nova Esperança e Londrina. Os ensaios do coral acontecem por grupos em dias e horários diferentes, conforme podemos observar na tabela abaixo:

Quadro 1: Grupos de coralistas, dias da semana, horários e locais dos ensaios do Coral Vozes da Inclusão (elaborado pelos autores)

Grupo de coralistas	Dia de ensaio	Horário	Local	Periodicidade
Coralistas do Programa Eu Coopero com a Inclusão de Nova Esperança e Londrina ⁵	Segunda-feira	16:00 às 17:00	APAE de Nova Esperança – PR	Ensaio Semanal
Coralistas trabalhadores da Sede e Agências	Terça-feira	18:00 às 19:00	Sede da Sicredi Dexis – Maringá	
Coralistas do Programa Eu Coopero com a Inclusão de Maringá	Sexta-feira	08:00 às 09:00	APAE de Maringá – PR	

No ano de 2023, os coralistas da sede e agências ensaiavam no período de 15 a 15 dias, não tendo uma frequência de ensaios como os coralistas do Programa Eu Coopero com a Inclusão. No início de 2024, readequamos a agenda, para que os três grupos realizassem ensaios com uma frequência semanal, mesmo que ainda em formato de ensaios de naipe, devido às organizações de trabalho de todos os coralistas. Quando próximo de apresentações, realizamos os ensaios gerais, com todos os coralistas.

Sem dúvida, ensaiar os grupos em dias e horários diferentes não nos apresenta uma sonoridade geral do coral. Entretanto, é possível trabalhar diferentes questões vocais, principalmente nos aquecimentos vocais, onde o grupo dos trabalhadores da sede e agências, onde realizamos ensaios com exercícios mais tradicionais, sendo o aquecimento vocal pensado nas divisões de naipes de um coral tradicional.

Com os coralistas com DI, também são trabalhados exercícios de respiração e vocalises, sendo que na preparação vocal realizamos outros exercícios, de Motricidade Orofacial, que contribuem no fortalecimento da língua, lábios, bochechas e articulação.

⁵ Os coralistas de Londrina (2 coralistas) participam dos ensaios no formato online no momento do ensaio presencial com os coralistas de Nova Esperança – PR.

As melodias são aprendidas nos ensaios, por meio de repetições. Não usamos partituras ou letras impressas com os coralistas com DI. Os trechos ensinados ensaio a ensaio dependem da estrutura coral apresentada, se há um refrão no texto, que se repete mais de uma vez na música, com ou sem variação, costumamos iniciar por ele, e depois nas estrofes, os trechos onde cantam somente as vozes masculinas ou as vozes femininas vamos aos poucos acrescentando para que haja uma memorização completa do texto.

Os textos cantados são primeiramente falados, para treinarmos a pronúncia dos fonemas e a articulação. Depois de ensinar a melodia por trechos aos coralistas, costumamos gravar áudios para a escuta em casa. Percebemos que ouvir mais vezes durante a semana reforça a memória do texto e também da melodia. Os áudios são gravados sempre com a voz, apoiado com a harmonia ou linha melódica ao piano.

A escolha do repertório precisa ir de encontro com as características vocais apresentadas pelos coralistas, observando questões de articulações, extensão e tessituras vocais, linguagem, rítmicas e idiomas. Obras e arranjos que exijam grande complexidade de articulação, ou rítmicas muito elaboradas, com andamentos rápidos podem dificultar a performance deste grupo. Além do Português, o Coral Vozes da Inclusão já cantou letras de músicas em Inglês, Hebraico e Swahili.

Muitos dos desafios vocais trabalhados nos ensaios semanalmente, são anulados quando temos apresentações com o coral. É possível notar o quanto o Coral é integrado e a inclusão acontece de fato, pois todas as vozes são incluídas.

A observação dos trabalhos já realizados e dos desenvolvidos no decorrer do doutorado, iniciado em fevereiro de 2024, constituem o núcleo experimental do projeto de pesquisa. Eles vêm sendo observados a partir dos pressupostos e procedimentos expostos na já citada dissertação “Diagnose em Canto Coral: Parâmetros de Análise e Ferramentas para a Avaliação de Costa” (2005).

Além do Coral Vozes da Inclusão, outros grupos estarão inseridos no panorama, ao final do trabalho de doutorado. Localizamos outros grupos que inserem pessoas com deficiência em seus grupos corais. No Estado do Espírito Santo, temos o *Coral Vozes que*

*Inspiram*⁶, que é formado por coralistas com deficiência visual e é o primeiro projeto de responsabilidade social da imprensa oficial do Espírito Santo. O projeto é realizado em parceria com a União de Cegos Dom Pedro II - UNICEP, de Vila Velha, ES).

Também do Espírito Santo, *A Orquestra Brasileira de Cantores Cegos*⁷, tem uma proposta cênica (teatral) com cegos ou pessoas com baixa visão.

O *Coral Cênico Cidadãos Cantantes* é parte do projeto Formação Cidadã Cantante⁸, sediado na cidade de São Paulo - SP, foi criado em 1992 como desdobramento das atividades dos Centros de Convivência e Cooperativa da Secretaria de Saúde do Município de São Paulo, com apoio da Associação SOS Saúde Mental, Ecologia e Cultura.

O Coral, regido pelo conhecido maestro Jamil Maluf, possui uma composição heterogênea, reunindo portadores de sofrimento mental, pessoas em situação de vulnerabilidade e pessoas da população em geral, interessados na construção artística, tendo como local de trabalho as dependências da Galeria Olido da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Desde 2006 o Coral estabelece parceria com o Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte e Corpo em Terapia Ocupacional, do Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. (MALUF, 2009).

O canto coral vai além da sonoridade para muitos grupos corais que buscam inclusão. Sabendo que quanto à voz como elemento de comunicação não poderíamos incluir os surdos pois é notório que muitos não falam porque não escutam e outros aprendem a falar mesmo sem escutar. Por esse motivo, encontramos com frequência vídeos com títulos “Coral para surdos”, “Corais em Libras”, que realizam a interpretação do texto por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Na maioria dos corais com essa proposta, não há o canto coral apresentado de forma cantada, mas podemos citar aqui, O Coral da UFMT promove inclusão de surdos e ouvintes⁹ pela percepção tátil sensorial, ao sentir as vibrações do som por meio das paredes. As

⁶ Projeto Vozes que Inspiram. Disponível em: http://m.youtube.com/watch?v=Gi6xGji_UtE. Acesso em: 25 de junho de 2025.

⁷ Orquestra Brasileira de Cantores Cegos. Disponível em: <http://m.youtube.com/watch?v=xnI9cH0-Uk4>. Acesso em: 25 de junho de 2025.

⁸ Depoimentos dos Cidadãos Cantantes: O que esse coral representa pra você? Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=G_jd8u_vLZ4. Acesso em: 25 de junho de 2025.

⁹ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6320183/> Acesso em: 27 de junho de 2025.

apresentações vão além da interpretação com as mãos: pessoas surdas e ouvintes (não surdos) interpretam o texto, usando gravações prontas dos repertórios, apresentando de fato um Coral em Libras, em posição de coral, todos juntos, interpretando com as mãos, os textos para o público.

Essa prática frequente de corais em libras no Brasil, mostra o quanto o canto coral pode superar muitas barreiras e torna-se uma prática musical que propicia diversas formas de inclusão.

Para pessoas ouvintes, pode não ter sentido a interpretação em libras, mas para quem só se comunica dessa forma, ela é fundamental! Sejam corais com propostas de ter como seus coralistas exclusivamente pessoas com deficiências ou de incluí-las com outras pessoas, sem deficiências, serão colocados neste panorama em nossa pesquisa.

Considerações finais

As vivências de canto coral proporcionadas pela inclusão de coralistas sem deficiências junto a pessoas com deficiências, acima citadas, mostram que a inclusão coral é possível, e pode ser para todos.

Os títulos de trabalhos que mencionam pessoas com deficiência na área da performance musical são escassos, pois o tema, embora necessário, ainda é recente. Encontramos mais pesquisas em outras áreas mais fundamentadas, como a Educação e a Psicologia.

Esta pesquisa está em andamento e ao fim dela, pretende-se apresentar um panorama dos diversos contextos de Canto coral e inclusão. Além de um estudo sobre as características vocais em pessoas com deficiência.

Outro ponto a ser desenvolvido na pesquisa e que eventualmente poderá auxiliar outros regentes educadores no trabalho com inclusão no canto coral, será uma reflexão musicalmente estruturada sobre escolha de repertório coral para coros com pessoas com Deficiência Intelectual e Múltiplas Deficiências.

As obras que estão sendo selecionadas buscam obedecer os critérios propostos por Costa (2005) em seu Diagnose em canto coral: parâmetros de análise e ferramentas para a

avaliação e são analisadas detalhadamente a partir do Referencial de Análise de Obras Corais de Ramos (2003) quanto aos aspectos musicais, textuais, conjunturais e técnicos, para que sejam possíveis, motivadoras e capazes de promover inclusão e auxiliar no desenvolvimento amplo das capacidades dos coralistas.

Concluindo, os resultados de pesquisa que temos até o momento, seja no âmbito bibliográfico quanto no performático, incluem:

1 - Quanto ao objetivo geral: está em andamento e já com resultados, a busca e localização de grupos corais que apresentam propostas de inclusão; levantamento de artigos em anais e revistas da ABEM e da ANPPOM já que até o momento não encontramos dissertações ou teses voltadas especificamente para este objeto de estudo; o trabalho já em andamento, com o Coral Vozes da Inclusão, onde pessoas com e sem DI cantam lado a lado.

- Quanto aos objetivos específicos:

a) quanto à criação de ferramentas musicais que ajudem no processo de inclusão coral do DI, no interior do trabalho com o Coral Vozes da Inclusão, estão sendo analisadas tessituras e extensões vocais individuais dos coralistas, desenvolvimento de repertórios com escritas corais variadas, performance de *divisi* (subdivisão de vozes) por alguns coralistas com DI junto aos outros coralistas (pessoas sem deficiência) busca e localização de grupos corais que apresentam propostas de inclusão; levantamento de artigos em anais e revistas da ABEM e da ANPPOM já que até o momento não encontramos dissertações ou teses voltadas especificamente para este objeto de estudo;

b) quanto a fazer do grupo coral um ambiente de socialização e realização pessoal para pessoas com DI, a própria existência do Coral Vozes da Inclusão, nos moldes descritos no corpo do artigo, se mostra como um resultado;

c) quanto a provocar a integração das pessoas com DI na performance do canto coral: é item definidor das práticas do Coral Vozes da Inclusão, também como descrito no corpo do artigo.

Referências

ALENCAR, Gizeli Aparecida Ribeiro de; SILVA, Elizangela Gehrke. Da exclusão ao paradigma da inclusão: percurso histórico da educação especial e inclusiva. In: *Educação Inclusiva: articulações teórico-práticas no contexto do PROFEI – Linha 3: Práticas e Processos Formativos de Educadores para Educação Inclusiva* / Organizadores Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar, Solange Franci Raimundo Yaegashi, Roseneide Maria Batista Cirino. – Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2023. 240 p.

ALENCAR, Gizeli Aparecida Ribeiro de; HAMMERER, Mariana Ferraz Simões; LIMA, Isabel Oliveira. Práticas Pedagógicas Iniciais em Educação Musical junto a adultos com Deficiência Intelectual. In: *Educação Inclusiva, Processos Formativos e Cidadania*. Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar; Carla Figueira de Souza; Aparecida Meire Calegari-Falco. (Org.). 1ªed. Rio de Janeiro: Autografia, 2021, v. 1, p. 43-49.

COSTA, Paulo Rubens Moraes. *Diagnose em canto coral: parâmetros de análise e ferramentas para a avaliação*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 26 ago. 2023.

GARCIA, Rosalba Maria C. (1999). A educação de sujeitos considerados portadores de deficiência: contribuições vygotskianas. *Ponto de vista*, 1(1), 4-90.

LIMA, Isabel Oliveira; HAMMERER, Mariana Ferraz Simões; ALENCAR, Gizeli Aparecida Ribeiro de. Deficiência intelectual e educação musical: primeiras aproximações. In: *XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO, II CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, II ENCONTRO DE EGRESSOS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO*, 2022, Londrina. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2022.

HAMMERER, Mariana Ferraz Simões; FELICIO, Paula Gonçalves; MARTINUCCI, Eloiza Elena da Silva. Música e Educação Especial: Experiências com a prática coral como possibilidade de desenvolvimento integral das crianças. In: *CRITInfância: Experiências brincantes com as infâncias: memórias docentes: eixo II: anos iniciais* / organizadoras: Marta Regina Furlan, Natasha Yukari Schiavinato Nakata. – Londrina: UEL, 2023.

HAMMERER, Mariana Ferraz Simões; COSTA, Diego. Coral Vozes da Inclusão: Um trabalho de canto coral e educação musical inclusivo com colaboradores da Cooperativa Sicredi Dexis de Maringá, Nova Esperança e Londrina - PR. In: *I Congresso de Pedagogia e performance Coral da UFRJ* (1.: 2023: Rio de Janeiro, RJ) *Anais do I Congresso de Pedagogia e Performance Coral da UFRJ* [livro eletrônico]: um novo olhar / [coordenadores Juliana Melleiro Rheinboldt, Maria José Chevitere. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 2024.

MALUF, Julio Cezar Giudice; LOPES, Isabel Cristina; BICHARA, Tatiana Alves C.; SILVA, Juliana Araújo; VALENT, Isabela Umbuzeiro; BUELAU, Renata Monteiro; LIMA, Elizabeth M. F. Araújo. O Coral Cênico Cidadãos Cantantes: um espaço de encontro entre a música e a saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, Brasil, v. 20,

n. 3, p. 199–204, 2009. DOI: [10.11606/issn.2238-6149.v20i3p199-204](https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v20i3p199-204). Disponível em: <https://revistas.usp.br/rto/article/view/14077>. Acesso em: 27 jun. 2025.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR / [American Psychiatric Association]; tradução: Daniel Vieira, Marcos Viola Cardoso, Sandra Maria Mallmann da Rosa; revisão técnica: José Alexandre de Souza Crippa, Flávia de Lima Osório, José Diogo Ribeiro de Souza. - 5. ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023. lxxix, 1082 p.; 25 cm.

RAMOS, Marco Antonio da Silva. *O ensino da regência coral*. Tese de Livre Docência. CMU CBD/ECA/USP. São Paulo, 2003.

(São Paulo - Estado) Secretaria da Educação. Núcleo de Apoio Pedagógico Especializado – CAPE. Deficiência intelectual: realidade e ação / Secretaria da Educação. Núcleo de Apoio Pedagógico Especializado – CAPE; organização, Maria Amélia Almeida. – São Paulo: SE, 2012. 153 p.: il.

VYGOTSKI, L. S. (1997a). **Los problemas fundamentales de la defectología contemporánea**. En L. S. Vygotski, *Obras Escogidas V: Fundamentos de defectología* (pgs. 11-40). Madrid: Visor.